Paulo do Carmo Martins

JOVENS NO CAMPO

Até o final dos anos 70 a produção agrícola brasileira apresentava baixa produtividade. Era restrito o uso do que se convencionou chamar insumos modernos, como fertilizantes, herbicidas e maquinários. Além disso, a seleção genética em busca de animais e plantas com melhor produtividade, por aqui, estava apenas começando.

Por outro lado, sob a ótica econômica, as atividades agrícolas se dividiam em dois grupos. Havia aquelas de maior estabilidade de preços pagos ao produtor, como café e cana-de-açúcar, por seguirem cotações do mercado internacional, e aquelas de mercado interno, como o leite e a carne, cuja instabilidade de preços trazia insegurança na formação da renda do produtor.

Mas, a fama que o leite adquiriu de atividade pouco rentável passou a ser construída somente na década seguinte, quando os economistas do Governo decidiram somente autorizar reajustes no preço do produto sempre abaixo da inflação. A rentabilidade caiu continuamente por uma década e meia.

Os produtores com melhor visão comercial, então, tiveram forte estímulo para buscar alternativas de renda em outras culturas e atividades urbanas. Já os que continuaram no leite foram se descapitalizando ano a ano, até o Plano Real, quando houve um soluço de esperança, com a melhoria das margens de comercialização.

Já os produtores das demais culturas tiveram a oportunidade de modernizar o processo produtivo e se organizaram sob a lógica de cadeias produtivas integradas. Como nenhuma transformação disruptiva acontece sem que haja perdedores, o fato é que essas mudanças levaram muitos produtores a buscar melhores condições de vida nas cidades. Para estes, ficou impossível se manter competitivo na produção de grãos, carnes e frutas, produzindo no modo tradicional, com baixa produtividade.

E parte dos produtores, que não foi para a cidade, encontrou no leite a sua última esperança. Afinal, o leite pouco se modernizou nesse período em que as transformações ocorriam nas outras culturas nos anos 80 e 90, mantendo baixas as taxas de produtividade. Portanto, o leite acolheu parte dos produtores que foram expulsos de outras culturas.

Mas, chegou a vez do leite. Para que haja melhoria de renda é preciso ocorrer aumento de produtividade da terra (medida em produção por hectare) e do trabalho (medida em produção por dia ou hora). Somente assim é possível gerar abundância e remunerar melhor quem está envolvido na produção.

Então, o que faz o salário ser mais elevado nos Estados Unidos é, essencialmente, a produtividade elevada da mão de obra. Isso não significa que o trabalhador americano é mais produtivo porque é mais dedicado ao trabalho. De modo simplificado, ele produz mais por que tem máquinas que fazem com que a sua produção seja maior que a produção de um produtor de leite brasileiro. Então, facilitar o uso de mecanização na atividade leiteira é fundamental.

Mas, isso não é tudo. É preciso ter mão de obra treinada na propriedade. A voz corrente é que jovens não querem ficar no campo. Querem, sim! A Embrapa Gado de Leite desenvolve um programa de recepção de jovens que ficam durante 10 meses em um de seus campos experimentais, como estagiários. No mês de dezembro passado foi-se mais uma turma. Na despedida dos jovens, me emocionei, pelo que ouvi deles.

A assessoria da Embrapa Gado de Leite registrou alguns depoimentos. Cecília Paula Lima tem 18 anos e é do Vale do Anari, em Rondônia. Após concluir o ensino médio técnico em agropecuária, se mudou para um dos campos experimentais da Embrapa Gado de Leite e passou os últimos dez meses em imersão no programa de Residência Zootécnica. Ficou longe dos pais, mas ela diz que fez dos 28 colegas jovens uma nova família.

A maioria dos jovens que integrou o programa em 2014 veio de longe, de oito estados: Rondônia, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Esse trabalho mostra outro trabalho que a Embrapa desenvolve, que tem muita importância social. Além de gerar tecnologias há quatro décadas, a empresa, patrimônio do Brasil, vem formando pessoas que vão contribuir para transformar a produção de diferentes regiões.

O projeto Residência Zootécnica foi criado em 2001. É uma modalidade de estágio que se baseia no método aprender fazendo. Reúne formação teórica e prática conferida por pesquisadores e técnicos da Embrapa. Aborda manejo, trato e alimentação de bovinos, nos diferentes sistemas de produção de leite e, também, a prática de coleta de dados de experimentos com animais e plantas forrageiras. Os jovens também estudam conteúdos sociais, culturais e comportamentais, que proporcionam aos estudantes vivência em ambientes e situações reais do exercício da futura profissão.

Na apresentação final dos alunos, Geidson Duarte afirmou que "quanto mais difícil, melhor é". Sente ter "crescido cinco anos em 10 meses". Já José Ronaldo Filho vai além e declara: "Tudo o que é de vaca, hoje sabemos falar. A gente pode discutir até com um doutor!". Esta segurança é resultado da dedicação, que os motivou a usar até as horas de folga para aprender mais.

Além de gerar tecnologias, a Embrapa vem formando pessoas que devem transformar a produção de diferentes regiões

Os residentes também estiveram presentes em eventos técnicos da Embrapa e participaram da Semana do Fazendeiro, realizada pela Universidade Federal de Viçosa-MG. "Juntamos o dinheiro de todos e alugamos uma van. Só que o único dinheiro que tínhamos era o valor do aluguel da van!", relata Yara Gaspar.

Este desprendimento também foi percebido na inauguração da Sala de Inclusão Digital da Embrapa. Dez jovens se ofereceram para atuar como voluntários, ajudando os trabalhadores de campo e seus familiares a acessarem a Internet, a executarem funções básicas de informática e usarem programas como Word e Excel.

Conversei com os 28 jovens. Nenhum deles falou em ir para a cidade ou trabalhar como vendedores de insumos. Esse assunto não apareceu nenhuma vez. Alguns voltaram para a casa de seus pais e desejam melhorar a produtividade da propriedade. Outros aguardam a oportunidade do primeiro emprego, um convite para atuar em propriedades. Este mês de fevereiro uma nova turma iniciou o estágio, com jovens vindos do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Rondônia, Pernambuco, Ceará, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ficarão na Embrapa Gado de Leite até dezembro.

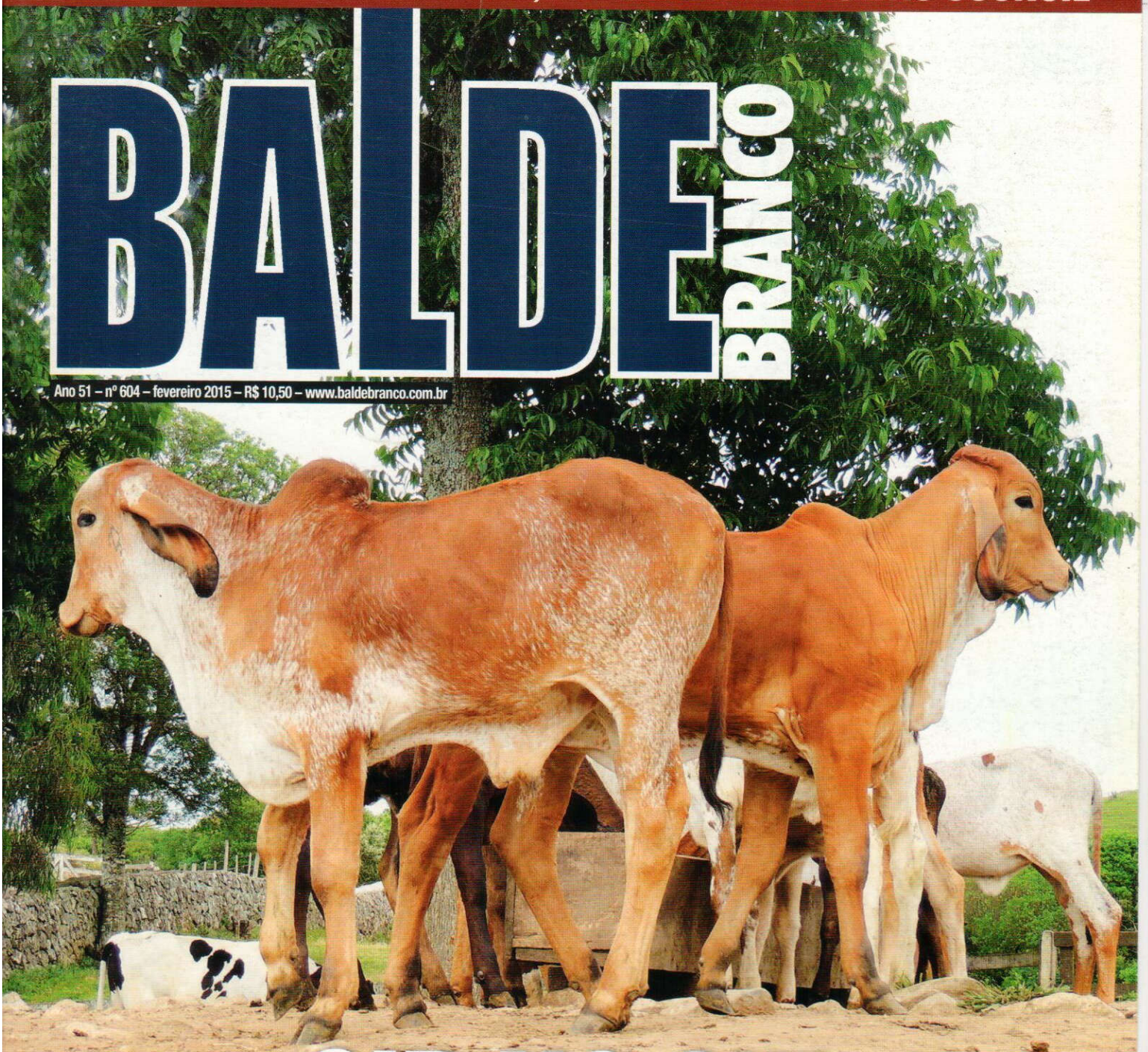
Seria muito bom se esse programa fosse copiado por outras instituições nos diferentes estados do Brasil. A Embrapa Gado de Leite daria toda a assessoria para a sua implantação. Decidi abordá-lo neste espaço, após telefonema do produtor José Maurício Arantes, que lê esta coluna, relatando que desconhece ações de treinamento para jovens, visando motivá-los a permanecer na atividade leiteira. Além disso, ele me falou que o Programa Jovem Aprendiz, lei que estimula as empresas a absorverem jovens de 14 a 20 anos por até dois anos, não pode ser aplicado em propriedades leiteiras. Fiquei surpreso. Vamos tratar desse assunto no mês que vem. ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

ENTREVISTA: RAFAEL ORTEGA, DO NATIONAL MASTITIS COUNCIL

BALDE BRANCO

Ano 51 – nº 604 – fevereiro 2015 – R$ 10,50 – www.baldebranco.com.br



GIR NO SUL

A genética Gir Leiteiro vem se espalhando em terras gaúchas e criador de Caxias do Sul prova que a boa adaptação de suas vacas significa que a raça é opção para quem quer leite com baixo custo

Crise da cana valoriza o leite familiar

FAB tem vacas e industrializa leite e derivados

Recria: o que define custo ou investimento